



## “De primeiro, a gente lembrava...” - Comunicação e interação de moradores do Assentamento Itapuí-RS com o Movimento Sem Terra<sup>1</sup>

Catarina Farias de Oliveira<sup>2</sup> - UECE/UFC – CE  
Denise Cogo<sup>3</sup> - Unisinos – RS

### RESUMO

O artigo analisa as interações comunicacionais vivenciadas no contexto do Movimento Sem Terra (MST), buscando compreender como moradores de um assentamento em particular – o Itapuí- RS – mantêm e (re) atualizam sua experiência com o Movimento, através de um conjunto de processos comunicacionais dinamizados interna e externamente às vivências do assentamento<sup>4</sup>. Em termos teóricos, as reflexões fundamentam-se nos estudos culturais e de recepção e, relacionados a eles, nas noções de cotidiano, experiência, identidade e memória. A metodologia, de caráter etnográfico, constituiu-se de visitas regulares e observações sistemáticas do cotidiano do assentamento e da realização de entrevistas antropológicas com seus moradores. Os resultados apontam para diferentes modos de identificação dos assentados com o MST e nos instigam a repensar as formas de interação comunicacional entre o Movimento e sua base.

**Palavras chaves:** comunicação; recepção; Movimento Sem Terra; identidade; experiência

### 1. Introdução

A comunicação tem sido uma dimensão preponderante na trajetória de organização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST. Desde 1984, quando o Jornal Sem Terra foi criado oficialmente pelo movimento, até esta segunda década do século XXI, pesquisas têm sugerido que o movimento teria operado um deslocamento de um modo marcadamente instrumental de assumir a comunicação para um entendimento do caráter estratégico e processual dessa comunicação. (Martins e Vidal, 2011; Oliveira, 2011; Sousa, 2010). Para Martins e Vidal (2011, p. 8), “o olhar instrumental foi, passo a passo, suplantado pela compreensão do papel estratégico da comunicação e da inter-relação das produções comunicativas com as demais ações encampadas”. A afirmação das autoras aparece, em nossa pesquisa, mais como uma

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: [catarinaoliveira30@gmail.com](mailto:catarinaoliveira30@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos-RS. Bolsista Produtividade do CNPq. E-mail: [denisecogo@uol.com.br](mailto:denisecogo@uol.com.br).

<sup>4</sup> A pesquisa integrou o projeto de pós-doutorado financiado pelo CNPq e desenvolvido, entre setembro de 2010 e julho de 2011, pela autora desse artigo, Prof. Dra. Catarina Oliveira, e supervisionado pela co-autora do texto, Prof. Dra. Denise Cogo, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos-RS.



realidade do MST evidenciada em espaços associados eminentemente à elaboração de políticas comunicacionais do movimento do que como uma prática observada na realidade dos assentamentos. Como resultado das próprias lutas empreendidas pelos Sem Terra nessas últimas décadas, percebemos que há diferenças entre três instâncias que se interligam e compõem o MST – as instâncias de *movimento*, *acampamento* e *assentamento* – no contexto dos quais os processos e projetos comunicacionais do MST assumem especificidades e podem se materializar ou se expressar de modo diferenciado. Em linhas gerais, podemos dizer que o *movimento* compõe a instância de organização, mobilização e ação mais genérica do MST, com atuações públicas; o *acampamento* é resultado das ocupações empreendidas pelo movimento; e o *assentamento*, a dimensão de conquista e permanência na terra. Partindo dessa diferenciação, propomos pensar os reflexos das políticas comunicacionais do MST em seus assentamentos perguntando: como moradores de um assentamento do MST mantêm e (re) atualizam sua experiência com o Movimento através de um conjunto de interações comunicacionais socioculturais e, em alguns casos, midiáticas, que se dinamizam interna e externamente às suas vivências no assentamento?

## **2. MST e comunicação: duas óticas de abordagem**

No percurso de construção da pesquisa que gerou esse texto, nos foi útil verificar, inicialmente, a existência de um conjunto de reflexões sobre a comunicação no MST que ajudam a entender diferentes óticas de abordagem da inter-relação entre Movimento Sem Terra e comunicação e ao mesmo tempo identificar, entre esses estudos, a ausência da abordagem específica que aqui propomos. Em nosso mapeamento, encontramos pesquisas que contemplam dois eixos, o primeiro deles centrado na relação do movimento com a chamada mídia comercial<sup>5</sup> e na problematização de como esses meios narram os acontecimentos em que o MST está envolvido (Berger, 2006; Paeiro, 2009; Adissi, 2010; Vargas, 2006). Em uma de suas pesquisas sobre a comunicação e o MST, Berger (2006) analisa a cobertura de diversos meios de comunicação<sup>6</sup> em torno do episódio ocorrido no Dia Internacional da Mulher e narrado pela mídia como “danos” a uma Unidade da Aracruz Celulose no Rio Grande

---

<sup>5</sup> Utilizamos o termo *mídia comercial* para fazer referência ao universo dos meios de comunicação de massa, mas reconhecemos a limitação do termo para distinguir um tipo de experiência que se contrapõe às mídias alternativas e comunitárias no cenário atual de fragmentação e de intensificação de fluxos e redes comunicacionais.

<sup>6</sup> Berger analisou a construção do mesmo acontecimento em diversos veículos, dentre os quais, o site da Aracruz, os jornais gaúchos Zero Hora e Correio do Povo, os jornais cariocas O Globo e Jornal do Brasil e o jornal paulista O Estado de São Paulo, além das revistas nacionais Veja e Isto é.



do Sul causados por militantes do MST e do Movimento das Mulheres Camponesas. A exemplo de outros trabalhos similares, Berger (2006) evidencia a homogeneização no enquadramento da cobertura sobre o episódio em todos os veículos estudados, bem como a ausência de fontes dissonantes na difusão da informação. Não se limitando a dicotomizar a relação entre mídia comercial e MST, as pesquisas nesse primeiro eixo constataam que, apesar de desigual, essa relação foi importante para o despertar do Movimento para a importância estratégica da mídia comercial. (Berger, 2006; Paiero, 2006; Vargas, 2009).

Berger reitera, a esse respeito, que o MST utiliza estratégias para se comunicar com a sociedade e desse modo pautar a mídia: “Por isso, o MST precisa ‘reinventar’ sua luta. Se a questão da terra não é notícia, os modos de reivindicá-la podem vir a ser”. (Berger, 1996, 54.). O MST, como movimento social, tem uma compreensão sobre necessidade de se tornar visível para a sociedade através da mídia, compreendendo que a mídia comercial, embora represente interesses contrários às lutas sociais populares, é um importante lugar para construção e difusão dessa visibilidade pública.

Um segundo eixo das pesquisas que mapeamos analisa as estratégias comunicacionais do MST através da construção de mídias próprias que visam à construção de uma auto-imagem do movimento no âmbito das lutas simbólicas em que está inserido. (Nunes, Carvalho e Menezes, 2009; Martins, 2010; Braga e Oliveira, 2010; Guindani, 2010; Martins e Nunes, 2011). Essas pesquisas apontam para uma dimensão dominante de criminalização da imagem do movimento na mídia comercial que, em certo sentido, pode ter contribuído para a comunicação assumir papel estratégico para o MST, conduzindo o movimento a investir na produção de mídias próprias. Ao analisarem a Revista Sem Terra, Nunes, Menezes e Carvalho enfatizam o papel das mídias do MST no embate simbólico com a mídia comercial, através, dentre outros, da denúncia sobre os interesses hegemônicos defendidos pela mídia comercial, ressaltando ainda que, a partir de sua mídia, “o MST se auto-projeta através de sua capacidade de mobilização e de sua organização interna, conclamando a todos os povos da América Latina a trilharem o mesmo caminho rumo à resolução de seus problemas” (Nunes, Menezes e Carvalho 2009. p. 11). A análise desses e outros autores sobre as mídias do MST revela, ainda, como o Movimento prioriza em seus meios a construção das ações positivas do movimento, marcando a relação que estabelece no contexto das lutas simbólicas em que estão inseridos (Nunes, Menezes e Carvalho 2009. p. 11).



Outro ângulo de análise sobre as mídias produzidas pelo MST está presente em investigações sobre as rádios comunitárias instaladas em assentamentos<sup>7</sup> (Guindani, 2009; Martins, 2009; Braga e Oliveira, 2009). Essas pesquisas têm se aproximado mais qualitativamente do cotidiano dos assentados e de suas interações com uma comunicação de caráter comunitário e orientada às bases internas do Movimento, sugerindo que o MST tem investido na formação de comunicadores populares.

Esse mapeamento dos dois ângulos de análise contemplados nas pesquisas sobre o MST ajudou a compor um conjunto de percepções acerca de uma visão de comunicação do Movimento centralizada na produção de notícias para a sociedade. Nesse sentido, concordamos com Oliveira quando observa que estruturas comunicacionais do MST “apresentam uma função de comunicação intrínseca, que faz parte de sua organização e de sua forma de atuação política no espaço público da sociedade” (Oliveira, 2011, p. 15), mas que, no entanto, segundo o autor, revelam “limites na integração entre as estruturas de comunicação no que tange à inserção das demandas comunicacionais dos acampados, caracterizando, portanto, um processo comunicacional de dialogia parcial, com predominância de elementos difusionistas”. Reconhecendo esses limites levantados por Oliveira (2011), mas sem reduzir o valor estratégico da comunicação do MST, procuramos perceber nuances dessas estruturas comunicacionais nas inter-relações do MST com a realidade dos assentamentos.

### **3. Opções teórico-metodológicas para estudo da comunicação nos assentamentos**

As pesquisas sobre comunicação do MST no cotidiano dos assentamentos, conforme os estudos que revisitamos, têm demandado abordagens mais qualitativas no campo<sup>8</sup>, como aquelas oriundas das tradições teórico-metodológicas dos estudos culturais e, no âmbito delas, as pesquisas de recepção, às quais se vincula também a investigação que dá origem a esse texto. Na dimensão política de “conhecimento útil”, Johnson (2006) se preocupa em afirmar a necessidade dos pesquisadores dos estudos culturais britânicos priorizarem a aproximação, contato e interação com o cotidiano e a realidade “concreta” das culturas. Esse compromisso “político-empírico” está presente entre os pesquisadores tanto da linha inglesa como da vertente latino-americana dos estudos culturais. Se na tradição inglesa isso pode ser evidenciado nas investigações

---

<sup>7</sup> A coordenação de Assentamentos da Região do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, não tem registros dos números de rádios comunitárias em assentamentos no país.

<sup>8</sup> Diferente das investigações que analisam o MST a partir de conteúdos midiáticos, quando problematizam a abordagem que a mídia comercial faz sobre a atuação do MST ou quando analisam as narrativas da Revista e do Jornal Sem Terra, bem como do site do Movimento ([www.mst.org.br](http://www.mst.org.br)).



sobre práticas de resistências das chamadas subculturas (Escosteguy, 2006, p.141), na América Latina, essa preocupação aparece de modo mais claro em pesquisas que buscam compreender práticas e experiências de comunicação popular e alternativa dos movimentos sociais. Nesse âmbito, segundo Cogo (2009), através de sua vinculação aos movimentos populares, os EC<sup>9</sup> abrem possibilidades para a legitimação de um pensamento científico autônomo latino-americano frente à predominância de matrizes de pensamentos norte-americanas e européias. A autora destaca, ainda, a dimensão inventiva das metodologias qualitativas que acompanham essa tradição, ressaltando que, entre os pesquisadores da comunicação alternativa e popular, acabam fortalecidas “iniciativas metodológicas concretas de experimentação de modalidades de ciência participativa, como a pesquisa participante, a pesquisa ação e a pesquisa militante em diferentes contextos latino-americanos. (Cogo, 2009, p. 1)

No que se refere especificamente aos estudos de recepção, as pesquisas de Jacks (2010) evidenciam, no contexto brasileiro, um crescimento dessa tradição empírica com um enfoque voltado para contextos socioculturais particulares. Ao fazer a análise de um universo de 102 dissertações e teses sobre recepção, defendidas entre 2000 e 2005, a autora registra 31 trabalhos com abordagem sociocultural em contraponto aos 32 trabalhos que adotaram essa perspectiva de análise em toda a década de 90. Para Jacks (2010, p. 161), “essa perspectiva problematizou e enfrentou melhor a complexidade da relação das audiências com os meios de comunicação quando adentra no universo cotidiano e examina as práticas culturais dos sujeitos sociais em questão”. Como instância de dinamização da cultura, os estudos de recepção colaboram, ainda, com nossa pesquisa para o entendimento do cotidiano dos assentamentos como espaço que inclui conflito e ao mesmo tempo resistência; lugar não apenas de reprodução, mas igualmente de produção de sentidos e práticas; instância em que também a política assume outra configuração deixando de ser entendida não apenas associada à dimensão macro e formal das instituições para ser compreendida em micros contextos de sociabilidade (Cogo, 2009).

Esse viés teórico-metodológico predominante nas pesquisas de recepção nos fizeram perceber que, no caso do MST, as investigações que adotaram essa tradição reflexiva têm conseguido se aproximar do Movimento a partir de uma perspectiva mais

---

<sup>9</sup> Cabe mencionar que utilizamos a terminologia “estudos culturais latino-americanos” cientes de que não tem sido amplamente adotada no contexto acadêmico da América Latina para fazer referência às pesquisas de comunicação relacionada aos movimentos sociais.



interna e abranger, desse modo, suas duas outras instâncias: acampamentos e assentamentos.<sup>10</sup> A metodologia de nossa pesquisa é também construída a partir de uma perspectiva etnográfica em que a incursão no cotidiano do assentamento Itapuí-RS nos leva a constituir um percurso de reflexão em que buscamos articular, em uma perspectiva latino-americana, a comunicação produzida pelos movimentos sociais com a tradição das pesquisas de recepção. Além disso, a própria realidade comunicacional do assentamento nos conduz à articulação de dois posicionamentos que demarcam o desenvolvimento dos estudos de recepção na América Latina: (1) as pesquisas que buscam estudar a recepção a partir de processos socioculturais e comunicacionais em que não estão necessariamente implicados os meios de comunicação e (2) as pesquisas que se voltam à análise da recepção dos meios de comunicação ou às práticas de recepção midiática. (Cogo, 2009, p.1-2).

Essas duas perspectivas dos estudos de recepção requerem que pensemos a pertinência da noção de *experiência* para o entendimento das interações comunicacionais mediadas e não mediadas no cotidiano dos moradores do assentamento Itapuí-RS com o Movimento Sem Terra. O alerta sobre a suposta crise da experiência como um valor da modernidade nos chega através do pensamento de Benjamin (1994) e nos chama a atenção sobre as transformações dessa experiência na contemporaneidade “Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel de geração em geração?”, indaga o autor ao se voltar para o que denomina de pobreza da experiência no marco de um conjunto de reflexões que o elabora em um contexto de forte difusão das tecnologias e de emergência da técnica na modernidade (Benjamin, 1994, p. 114). Ao enfatizar que a “nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica sobrepondo-se aos homens” (1994, p. 115), Benjamin aponta para o surgimento de uma nova forma de comunicação, que nomeia informação, e à qual associa a essa crise da experiência.<sup>11</sup>

Em perspectiva similar de preocupação com a centralidade da técnica, Silverstone (2002), reconhece igualmente a onipresença da mídia na constituição de nossa experiência contemporânea. Contudo, embora o autor assuma que a mídia é central na textura da experiência social na contemporaneidade, pergunta não apenas

---

<sup>10</sup> Dentre as pesquisas que trabalham, desde o ponto de vista empírico, as interações nos assentamentos, destacam-se as de Deliberador; Vieira; Rampazzo (2006); Feitosa (2007), Santi; Cruz (2008).

<sup>11</sup> Existiria assim uma associação das percepções críticas de Benjamin sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação e de seu padrão informacional assumido no capitalismo.



sobre o papel da mídia na formação de experiência, mas também e principalmente sobre o papel da experiência na formação da mídia. Essas reflexões orientam nosso entendimento sobre as experiências com o MST que se constituem entre os assentados de Itapuí a partir de interações comunicacionais que podem contar ou não com a presença das mídias e que se compõem de um conjunto de processos de identificações e rememorações que estabelecem com o Movimento.

Em termos identitários, cabe lembrar que a trajetória do MST é demarcada pela criação de um repertório de simbologias, como hino, bandeira, cruz, música, etc., que se materializam e difundem em materialidades diversas (como bonés, camisetas, lenços, canetas, chaveiros, agendas, cartazes), assim como nas mídias comerciais e naquelas produzidas pelo movimento. Essa simbologia abrange, ainda, a celebração de um calendário de eventos coletivos como o Dia Mundial de Luta Camponesa<sup>12</sup>, manifestações em praça pública no dia do trabalhador rural, marchas do MST a Brasília, colaborando para a permanência e reatualização de processos de identificação dos integrantes do MST com o Movimento. Trata-se de estratégias de reconhecimento e identificação utilizadas pelo MST que se aproximam daquelas encontradas em processos referentes à construção da identidade nacional. Ao refletir sobre identidades culturais e os processos de identificação, Hall (1998, p. 50) nos remete à noção de que as “culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações”, assinalando enfaticamente que “uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”. (Hall, 1997, p. 50 ). Na perspectiva de uma comunidade imaginada criada historicamente, os sentidos de identificação e pertença a uma identidade nacional são forjados, segundo Hall (1997) pelas memórias do passado, pelo desejo de viver em conjunto e pelo desejo de perpetuação da herança. (Hall, 1997)

Nas ações do MST, a criação da simbologia anteriormente referida tem sido uma estratégia de constituição de identificações entre os integrantes do Movimento. Entretanto, em nossa observação no assentamento Itapuí, constatamos que, a exemplo de todos os demais processos de identificação, aqueles vivenciados pelos moradores do

---

<sup>12</sup> O dia 17 de abril foi instituído pela conferência da Via Campesina Internacional como Dia Mundial de Luta Camponesa, em homenagem aos sem terra que foram mortos no massacre de Eldorado dos Carajás, no Pará. Em todo mundo acontecem manifestações nesta data. Na mesma época, por iniciativa da ex-senadora Marina Silva, o então presidente Fernando Henrique Cardoso assinou um decreto reconhecendo 17 de abril como o Dia Nacional de Luta pela Reforma Agrária. Ver <http://www.mst.org.br/node/2955>. A Via Campesina é uma organização internacional de camponeses fundada em 1992. <http://www.viacampesina.org/sp>





assentamento em relação ao MST são provisórios, variáveis e conflitivos (Hall, 1999), com a especificidade, porém, de serem nutridos por uma dimensão de experiência em que os assentados já não estão mais tão fortemente vinculados às práticas e lutas do Movimento e, principalmente, após 24 anos de conquista da terra, terem que renegociar sua identidade de “sem terra”. Nessa perspectiva, os processos de rememoração e reatualização dos vínculos e identificações com o Movimento emergem como uma dimensão preponderante no cotidiano do assentamento, quando consideramos na perspectiva proposta por Traverso, que, em função de seu caráter subjetivo, assim como as identidades, a memória não é fixa, mas está em constante mutação como produto da compreensão de que “o tempo erosiona e debilita a lembrança” (Traverso, 2007, p. 22). Na pesquisa de campo, foi possível evidenciar o fluxo de tensões que envolvem os processos de rememoração e reatualização dos vínculos dos assentados como o MST, incluindo aqueles provocados pela própria presença das pesquisadoras, conforme veremos mais adiante.

#### **4. Itinerário metodológico da pesquisa no assentamento Itapuí-RS**

A pesquisa, de caráter etnográfico, foi realizada no assentamento Itapuí, localizado no município de Nova Santa Rita, no estado do Rio Grande do Sul, a 35 km da capital, Porto Alegre, contexto local do qual nos aproximamos a partir da indicação de lideranças do MST. O trabalho de campo desenvolveu-se em duas etapas. Uma primeira fase, centrada na observação mais geral do assentamento e na aproximação com os seus moradores, se estendeu de outubro a dezembro de 2010. Em uma segunda etapa, desenvolvida entre março e junho de 2011, foram realizadas visitas semanais, com algumas estadas prolongadas no assentamento<sup>13</sup>, e a realização de entrevistas antropológicas (Guber, 2004)<sup>14</sup>. Nesses dois períodos, observamos e entrevistamos oito famílias, com as quais convivemos e acompanhamos em ocasiões como almoços, cafés, assistência à televisão ou simplesmente através da permanência e conversas informais em suas casas. Participamos ainda de outras atividades como aniversário da escola, palestras, missas, almoços, churrascos e jantares na casa de assentados, etc. Nessas incursões sistemáticas, buscamos nos aproximar também de sujeitos que encontramos

---

<sup>13</sup> Na primeira etapa, as entradas em campo foram semanais com duração de até três dias e pernoite em campo. Na segunda fase, permanecemos períodos de dois dias por semana também com pernoite em campo.

<sup>14</sup> Enquanto a entrevista mais formal é geralmente marcada e nasce de um acordo prévio, a entrevista antropológica se gera no marco da convivência cotidiana do pesquisador com os atores sociais no contexto do trabalho de campo. (GUBER, 2004)





em outros espaços, tais como ônibus, ruas, missas, etc. Como procedimentos metodológicos complementares, coletamos fotografias cedidas pelos moradores e captamos imagens em vídeo de diferentes espaços e atividades do assentamento.

Estamos cientes das particularidades dos elementos que captamos no contexto do Itapuú se comparado com a realidade de outros tantos assentamentos do MST no Rio Grande do Sul e em outros Estados do Brasil. No entanto, entendemos que nosso estudo pode evidenciar a relevância do desenvolvimento de investigações relacionais sobre a vivência da comunicação nos assentamentos do MST, bem como ajudar a pensar se e como o Movimento tem atentado para os contextos dos assentamentos quando a reflexão é a comunicação.

## **5. Trajetória do assentamento Itapuú: origens e processos comunicacionais**

O assentamento Itapuú possui extensão total de 1.177,6 hectares, onde se instalaram 68 famílias oriundas de uma pequena parcela da fazenda Anoni<sup>15</sup>, um dos mais antigos e maiores acampamentos do MST localizado no norte do estado do Rio Grande do Sul, entre os municípios de Pontão e Sarandi. A maioria das 1.500 famílias e 7.000 pessoas instaladas em Anoni conviveu nesse acampamento por oito anos, entre 1985 e 1993 (Oliveira e Mendes, 2010). A saída da fazenda Anoni para Itapuú ocorreu em 1987, de forma fragmentada. Em 1987, chegaram a Itapuú as primeiras 15 famílias da fazenda Anoni para se estabelecerem como acampados da fazenda Meridional, conforme era denominado, nessa época, o espaço que abrigaria, posteriormente, o assentamento Itapuú. Seis meses depois, um segundo grupo de 42 famílias procedentes da fazenda Anoni chegou a Itapuú após ter permanecido em torno de seis meses na cidade de Pelotas<sup>16</sup> com a promessa, que acabou não sendo cumprida, de serem assentadas. Por fim, outras duas famílias chegaram em 1993 oriundas da fazenda Anoni.

Antes da efetivação do assentamento em 1988, as famílias acamparam durante um ano nos portões da fazenda Meridional até conseguirem ser assentadas em casas que construíram com a madeira dos eucaliptos encontrados na própria terra onde se instalaram. Após cinco anos, cada família recebeu 12,6 hectares de terra, optando, a partir de então, pelo trabalho individual ou coletivo. Itapuú é formado por duas áreas interligadas entre si por estradas de terra de jurisdição municipal e distantes 2 km uma

---

<sup>15</sup> O acampamento da fazenda Anoni é hoje um assentamento com o mesmo nome – Assentamento Anoni.

<sup>16</sup> Uma das principais cidades da região sul do Estado do Rio Grande do Sul, situada a 250 km de Porto Alegre.



da outra. Se considerados apenas os assentados originários, na parte de cima de Itapuí, vivem 27 famílias e, na parte de baixo, moram outras 41 famílias.

Na história do assentamento, a comunicação tem sido vivenciada não apenas vinculada diretamente às mídias, seja as de caráter comercial ou as produzidas pelo MST. Dinâmicas de sociabilidade como festas, promoção de missas, reuniões de grupos, jantares, churrascos, jogos de futebol, dentre outros, vêm constituindo processos comunicacionais importantes para o fortalecimento dos laços de convivência entre os assentados e de sua identificação com a história do MST e com a origem do Itapuí. Dentre essas dinâmicas, também se destacam, nos relatos dos assentados, a construção, em 1990, da escola Nova Sociedade, criada a partir de um processo de luta do qual participaram pais, filhos e dirigentes do MST, e a construção das comunidades católicas Nossa Senhora Aparecida<sup>17</sup>, e Nossa Senhora da Libertação<sup>18</sup>. Nessas duas últimas, são realizadas missas, jantares e outros eventos, embora durante nossa pesquisa de campo o prédio da comunidade Nossa Senhora Aparecida tenha estado sem o telhado e com seu funcionamento desativado. Ouvimos depoimentos de moradores que rememoraram os tempos áureos de realização de bailes no espaço da comunidade.

No período de dois anos em que o prédio da Nossa Senhora Aparecida esteve fechado<sup>19</sup>, a escola Nova Sociedade cedeu seu espaço para as atividades da comunidade, principalmente para a realização das celebrações que geralmente ocorrem aos sábados pela manhã com a presença de um padre e de poucas pessoas. Na única vez em que acompanhamos a celebração, apenas 17 pessoas compareceram ao evento, muitas das quais pertenciam à mesma família.<sup>20</sup> Nas nossas visitas iniciais ao assentamento, a exposição, nas paredes da escola, de vários símbolos caros ao MST – como quadros de Paulo Freire, Che Guevara, bandeiras do MST - nos sugeriam a constituição da escola como espaço comunicacional de forte presença no assentamento. Aos poucos, fomos percebendo, contudo, as fragilidades atuais sobre os sentidos de sua atuação para os moradores. Segundo relato de alguns assentados, em etapas anteriores, a escola representou um lugar importante de identificação com o assentamento, através, por exemplo, da realização, em parceria com os pais, de acampamentos com os alunos. “De

---

<sup>17</sup> Localizada no Itapuí décima, em frente à escola Nova Sociedade.

<sup>18</sup> Situada no Itapuí de baixo.

<sup>19</sup> Ao término da pesquisa, o prédio estava sendo recuperado e já se encontrava com um telhado novo.

<sup>20</sup> Acompanhamos uma celebração e conversamos sobre eventos católicos com Dona Terezinha, moradora que nos hospedava em sua casa durante o trabalho de campo.



primeiro a gente lembrava aqui no acampamento da escola, agora daqui pra cá, não fizeram mais acampamento na escola.<sup>21</sup> (Sonia, assentada, 53 anos )

Os professores da escola atribuem esse enfraquecimento da atuação da escola ao fato da instituição já não receber muitos filhos de assentados e que, em função disso, a responsabilidade da realização de atividades como acampamentos juvenis recairia integralmente sob a escola, especialmente no que se refere aos cuidados dos jovens no período noturno.<sup>22</sup> No aniversário de 20 anos da Escola Nova Sociedade em 2010, estivemos presente e observamos um número pequeno de pessoas na festa. Sobre os processos organizativos, os moradores lembram que, no início do assentamento, havia mais mobilização, fazendo referência à diminuição do trabalho em grupo na produção agrícola e na realização de reuniões. Dificuldades que não encobrem os esforços, conforme pudemos perceber, de criação de iniciativas coletivas como cooperativas, grupos de plantação, etc., alguns dos quais ainda em funcionamento. “De primeiro, uns 10 anos atrás tinha mais, era bem entrosado, tinha grupos de famílias. E a gente fazia os protestos e ia bastante gente. Depois foi diminuindo um pouco, mas ainda tem, não é tanto, mas tem.” (Dona Terezinha, assentada, 65 anos)

## **6. Processos comunicacionais e experiências de interação com o MST**

A rememoração da história com o MST tem sido construída através de festas, jantares em comunidade e da comemoração do aniversário do assentamento, embora tenha havido anos, como em 2008 e 2009, em que o aniversário não foi festejado. Fotografias que coletamos dos arquivos pessoais dos assentados registram missas, aniversários do assentamento, formaturas na escola, dentre outros momentos de interação e confraternização entre os moradores. Em muitas fotografias, a bandeira do MST e a cor vermelha são elementos que servem de decoração das festas na escola.

Durante a pesquisa, percebemos que, além desses processos comunicacionais vividos no próprio assentamento, outro modo da vinculação e (re) atualização da experiência com o MST é vivenciado a partir da participação de assentados em ações do Movimento. Há diversos registros também fotográficos em que assentados aparecem em atos políticos e de mobilização em companhia de seus filhos e netos. Paralelo às dinâmicas comunicacionais citadas, a pesquisa no assentamento revelou que as

---

<sup>21</sup> Faz quatro anos que a escola já não organiza mais acampamentos que eram realizados anualmente no feriado do dia 12 de outubro com a duração de três dias.

<sup>22</sup> Os professores mencionaram, ainda, a complexidade da juventude atual com um dos fatores que dificultam a realização de atividades como acampamentos.



interações com o MST ocorrem através de processos comunicacionais diretamente ligados a outras mídias, e não apenas da fotografia, que circulam entre os moradores dentro e fora do assentamento. Nesses processos, contudo, as mídias do MST parecem participar pouco da constituição da identificação que os assentados mantêm com o Movimento. Na verdade, evidências do trabalho de campo indicam que, inclusive, as mídias comerciais podem ser mais efetivas nesse processo. Em uma das estadias mais prolongadas no assentamento<sup>23</sup>, fizemos um levantamento na biblioteca da escola e constatamos que a revista e o Jornal Sem Terra, embora tivessem circulado ali, sugeriam não ter sido muito usados ou demandados pelos moradores, tendo em vista a ausência de edições do jornal posteriores a 2008.<sup>24</sup> assim como a presença de um único número do jornal Sem Terrinha, também datado de 2008.

Outro indicativo dessa fraca presença veio após a entrevista com Dona Terezinha<sup>25</sup>, assentada de 65 anos. Ela afirmou não conhecer a Revista Sem Terra e ter tido pouco contato com o Jornal produzido pelo movimento, cujos exemplares chegaram a ser trazidos, em algumas ocasiões, pelo seu marido. Ao apresentarmos um exemplar da revista à Dona Terezinha, no feriado de 15 de novembro de 2010, ela sentou em sua varanda e passou a ler a revista. Após a leitura do editorial, encontrou entre as matérias uma intitulada “Mulheres na luta pela reforma agrária”<sup>26</sup> que fazia referência a Nina, nome mencionado e reconhecido pela própria entrevistada por fazer referência a Ivanete Tonin, membro da coordenação Nacional do MST e integrante do setor de Gênero do Movimento.<sup>27</sup> Esse episódio, embora indicativo da precária circulação de mídias do MST no assentamento, nos levou a refletir sobre como Dona Terezinha demonstrava entusiasmo ao reconhecer uma liderança e companheira do movimento de mulheres do qual havia participado em alguns eventos. Em outro momento, apontando para uma fotografia que Juraci de Oliveira nos emprestou para a pesquisa, a mesma Dona Terezinha comentou: “Está vendo, aqui sou eu no movimento de mulheres, foi nessa época que aprendi alguma coisa”. O episódio vivenciado com

---

<sup>23</sup> No feriado de 15 de novembro de 2010, passamos cinco dias no assentamento e acompanhamos os preparativos para a festa de aniversário da escola.

<sup>24</sup> Contabilizamos a presença de 15 números e 52 exemplares do Jornal Sem Terra, publicados entre 1997 e 2008 e disponíveis na biblioteca da escola.

<sup>25</sup> As primeiras constatações vieram com o levantamento feito na Escola Nova Sociedade e com as primeiras entrevistas.

<sup>26</sup> Revista Sem Terra, v. 6, n. 23, 2004.

<sup>27</sup> Dona Terezinha é uma assentada que pouco atuou no acampamento Anoni. Segundo ela, no acampamento vivia apenas para o marido e os seis filhos, um deles com dois anos. A entrevistada faz referência a seu crescimento pessoal apenas após sua separação, quatro anos depois de ser assentada em Itapuí, época em que passou a participar nas atividades do MST com mais frequência.



Dona Terezinha nos chama atenção para o fato de que, ao estarem ausentes do assentamento, as mídias do MST estariam deixando de ter incidência no reconhecimento e fortalecimento, junto aos assentados, de suas experiências, memórias e processos vividos junto ao Movimento. Os assentados do Itapuú, conforme pudemos perceber, não tiveram no acampamento da fazenda Anoni, onde viveram anteriormente, aprendizados homogêneos sobre a trajetória histórica e atuação do Movimento e, em função disso, precisaram constituir e atualizar vínculos com o MST a partir da vivência no assentamento.

Nessa mesma perspectiva, outro assentado, Jobson<sup>28</sup>, jovem de 20 anos, aluno da escola Nova Sociedade e da escola de formação do MST em Pontão no Rio Grande do Sul, afirmou que tomou conhecimento do site do Movimento quando precisou fazer matrícula em um curso de graduação da Terra<sup>29</sup>, na cidade Pelotas, em 2010. Em contrapartida<sup>30</sup>, em seu depoimento, o jovem ressaltou o conhecimento que obteve sobre o Movimento através de filmes que assistiu e atividades de que participou no contexto da escola do Pontão, o que parece ter lhe possibilitado uma interação que ainda não havia experimentado com a história e memória do Movimento.

No decorrer do trabalho de campo, um episódio em particular e de forte repercussão midiática que colocava em foco a atuação do MST se tornou recorrente em relatos de moradores do assentamento. Os assentados aludiam ao dia 8 de março de 2006 quando 1.800 mulheres da Via Campesina ocuparam o viveiro hortiflorestal da empresa Aracruz Celulose, em Barra do Ribeiro, município que fica a cerca de duas horas de Porto Alegre. Na ação, divulgada pela mídia comercial, as mulheres teriam destruído estufas e bandejas de mudas de eucalipto. ([www.mst.org.br](http://www.mst.org.br)) Alguns assentados que entrevistamos nos relataram esse fato, questionando a ação do MST e se referindo à midiática do acontecimento em meios massivos que haviam utilizado como fonte principal para se informarem sobre o episódio.<sup>31</sup> Dona Edite, de 67 anos, que mantém um forte vínculo com o movimento<sup>32</sup>, ressaltou o questionamento dos filhos sobre esse tipo de ação do MST:

Eles são pessoas assim, eles não gostam de ver, vamos supor, esses manifestos que eles fazem, que eles vão que eles quebram, que eles fazem aquilo, os meus filhos não

---

<sup>28</sup> O jovem é filho de um dos coordenadores da Comunidade Nossa Senhora Aparecida

<sup>29</sup> Denominação dada pelos MST a cursos de graduação em diversas áreas mantidos pelo Movimento em parceria com universidades.

<sup>30</sup> Filmes que tratam da trajetória do MST, embora não sejam produzidos pelo Movimento.

<sup>31</sup> Os assentados citaram principalmente a cobertura televisiva em especial.

<sup>32</sup> Dona Edite sempre participou de atividades do MST em Porto Alegre, mas recentemente deixou de participar devido a problemas de saúde.



gostam. Eles gostariam que fosse na santa paz tudo (...). Aquela vez que eles foram num sei aonde que arrancaram todos os eucaliptos. Meu Deus do céu, eles ficaram loucos. "Mãe, a senhora não vai mais e não vai mais", e já eu iria hoje ainda. Com 67 anos se dissessem assim que os filhos não deixassem. Olha, a senhora tem que ir lá, eu tranquilamente (...). Não vou, porque tenho problema de pressão. (*Dona Edite, assentada Itapuí, 67 anos*).

Sobre o mesmo episódio, ouvimos também o relato de Lourdes, assentada de 53 anos de idade que participou diretamente do episódio da Aracruz. Lourdes não é oriunda da fazenda Anoni como seu esposo, Darci, filho de assentado, mas ela já esteve em outro acampamento. Lourdes nos contou de sua militância conjuntamente com Juraci Oliveira, outra moradora do assentamento, e de sua participação em diversos eventos de mobilização do MST como ocupação do McDonald's, caminhada de mulheres, e própria ocupação na Aracruz. "Eles invertem muito, que nem naquela ação que eu te contei que nos fumos lá dos eucaliptos. Lá nós vimos na nossa frente os brigadianos<sup>33</sup>. E nós vendo o brigadiano pegar aquelas folhinhas, amarrar sequinhas e botar dentro do papel pra dizer que era droga e saiu na televisão que foi achado droga. (...)." (*Lourdes, assentada, 53 anos*). Em outra conversa durante a pesquisa de campo, perguntamos sobre o episódio dos eucaliptos à Dona Terezinha e à Sônia, ambas consideradas atuantes nas atividades do MST e, portanto, com experiência e memória com o Movimento supostamente fortalecidas. "A televisão mostrava bem, a televisão mostrava bem, o que eles fizeram, destruíram as mudas né [será que ela não distorceu nada?] Não [responde dona Terezinha] "*(Dona Terezinha, assentada, 65 anos)*.

Entre os moradores que mencionaram o episódio da Aracruz, apenas Lourdes questionou a cobertura da mídia com base em sua experiência direta no episódio. Os demais assentados tinham a mídia comercial como fonte preponderante de informação sobre o acontecimento. Embora tivessem uma atuação junto às atividades do MST, esta não parecia ser suficiente para contextualizar a ação do Movimento e colocar em xeque modos de narrar o episódio por parte da mídia massiva. Nesse caso, mesmo aqueles com mais experiência na militância não chegaram a expressar algum questionamento sobre a cobertura da mídia, inclusive Sonia, esposa de Ari Baioneta, assentado que foi espancado pela polícia no acampamento da Anoni.

## 7. Considerações finais

A partir das reflexões reunidas nesse artigo, percebemos que a interação dos assentados com o MST é construída em dimensões que estão sendo vivenciadas em seu

---

<sup>33</sup> Termo utilizado no Rio Grande do Sul para designar os policiais militares que atuam em âmbito estadual.



cotidiano e articuladas, tanto em processos comunicacionais socioculturais (festas, eventos comemorativos, atuação nas atividades do MST, dentre outros), quanto a partir de processos midiáticos (relações com narrativas e produtos midiáticos comerciais e não comerciais). O que desponta como indagação advém das evidências empíricas construídas em nosso percurso que apontam para a incidência significativa da presença de narrativas da mídia comercial no assentamento. Narrativas que circulam e são apropriadas em um contexto de vivências tanto de sujeitos mais identificados com o MST e com trajetórias mais estreitamente vinculadas ao Movimento quanto de sujeitos que experimentam trajetórias mais frágeis de interação com o MST. É no marco desse cenário sociocultural e político que vislumbramos que uma maior presença, nesse contexto, de mídias do MST e de outras ações comunicacionais do Movimento podem funcionar como contrapontos nessa trama de construção de sentidos, operando particularmente nos vínculos e identificações dos assentados com o Movimento. Por fim, sem a pretensão de idealizar os processos de identificação dos assentados com o MST, reconhecemos sua importância para o fortalecimento de um projeto sociopolítico que o Movimento constrói num contexto não raramente adverso às suas propostas.

## 8. Referências bibliográficas

ADISSI, P. O. A criminalização do MST: mídia porta-voz de quem? Um caso de criminalização a trabalhadora sem terra na Paraíba.. In: IV SIMPÓSIO LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA - 2010, Londrina. **Anais....** Londrina, UEL, 2010.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7 Edição. São Paulo, Brasiliense, , 1994 (Obras escolhidas; v 1 )

BERGER, C. **Campos em confronto: jornalismo e movimentos sociais, as relações entre o Movimento Sem Terra e há Zero Hora**. 1996. . 326 f. Tese (Doutorado) em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade São Paulo, São Paulo.

BERGER, C. **O caso Aracruz. Do fato ao acontecimento jornalístico (um outro, o mesmo)**. UNIrevista, v. 1, n. 3, p. 1-15, jul. 2006..

COGO, D. Los Estudios de Recepción en América Latina: perspectivas teórico-metodológicas. **Portal de la Comunicación**. Instituto de la Comunicación (InCOM) de la UAB (Universidade Autònoma de Barcelona), Barcelona, 2009. Disponível em: <[http://www.portalcomunicacion.com:80/esp/n\\_aab\\_lec\\_1.asp?id\\_llico=48](http://www.portalcomunicacion.com:80/esp/n_aab_lec_1.asp?id_llico=48)> Acesso em: 09 abr. 2009.

DELIBERADOR, L. Y. ; VIEIRA, A. C. R. 2006. A mídia e os jovens do MST: consumo da mídia por parte dos jovens do assentamento COPAVII. In: XXIX CONGRESSO

BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009. Curitiba, **Anais....** Curitiba: Positivo, 2009. ESCOSTEGUY, A. C. **Estudos culturais: uma introdução**.

JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos culturais? In: JOHNSON, R. ESCOSTEGUY, A. SCHULMAN, N. **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte:Autêntica, 1999. p. 133-166.





- FEITOSA, S. A. **Televisão e juventude Sem Terra, mediações e modos de subjetivação.** Porto Alegre, UFRS, 2007. 171f f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre.
- GUINDANI, J. F. **Políticas comunicacionais e a prática radiofônica na sociedade em midiaticização:** um estudo sobre os documentos de comunicação do Movimento Sem Terra, MST e Rádio Terra Livre FM. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Unisinos.
- GUBER, R. **El salvaje metropolitano.** Reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo. Buenos Aires, Paidós, 2004.
- HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP, 1997.
- JACKS, Nilda e al. Pesquisa de Recepção, empírica por natureza. In BRAGA, J. L. LOPES, M. V. de. MARTINO, L. C. (org). **Pesquisa empírica em comunicação.** São Paulo: Paulus, 2010.
- JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos culturais? In: JOHNSON, R. ESCOSTEGUY, A. SCHULMAN, N. **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7-131.
- MARTINS, H. **Onde só vento se semeava outrora – Comunicação: espaço de luta política - Análise da rádio 25 de maio FM, produzida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. 2009. f Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- MARTINS, H. B. e NUNES, M. V. **Das idéias que se fazem gestos: sensibilização, formação e produção de novas ações comunicativas.** In: XX ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 2011. Porto Alegre, **Anais....** Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- NUNES, M. V.; MENEZES, A. S.; CARVALHO, A. G.. Auto-imagem do MST na “Revista sem Terra”: a Guerra Simbólica através da Mídia. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO; 2009. Curitiba, **Anais....** Curitiba: Positivo, 2009.
- OLIVEIRA, C. T. F. ; BRAGA, R. S. Os sujeitos reeptores produtores de sentidos da rádio comunitária do MST. In: XX CONGRESO ALAIC, 2010. Bogotá, **Anais....** Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2010.
- OLIVEIRA, G. J. P. H.. Comunicação como elemento de mobilização política e dialogia no MST Nacional. In: IV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA. 2011, RJ. **Anais....** RJ, 2011.
- PAIERO, D. C.. A construção da imagem pública do MST por meio da criação de fatos noticiáveis. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009, Curitiba. **Anais....** Curitiba: Positivo, 2009.
- SANTI, V. J. C.; CRUZ, F. S. O jogo da produção de sentidos na relação mídia x movimentos sociais. **Diálogos possíveis.** Salvador, p. 107-123, jan.-jun. 2008. Disponível em: <[http://www.faculdaDESocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/12/artigo\\_07.pdf](http://www.faculdaDESocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/12/artigo_07.pdf)> Acesso em: 11 jul. 2011.
- SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.
- SOUZA, R. B. R. **Alternativas ao globalismo: o MST e o setor de comunicação.** Disponível em: <[http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/f/fd/GT10\\_-\\_014.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/f/fd/GT10_-_014.pdf)> Acesso em: 11 jul. 2011.
- TRAVERSO, E. **El pasado, instrucciones de uso – historia, memoria, politica.** Barcelona/Madrid, Marcial Pons, 2007.
- VARGAS, I. J. **Ocupando manchetes: Como o MST agenda a mídia.** 2006. f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UNB, Brasília.